Após queda, PIB cresce 4,6% em 2021 e país sai da recessão técnica

# PIB avança 4,6% em 2021 e país sai da recessão técnica

Crescimento foi puxado por setores de serviços e indústria com base comparativa deteriorada pela pandemia em 2020

#### RAFAEL VIGNA

Após dois trimestres no campo negativo, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil saiu da recessão técnica, cresceu 0,5% nos últimos três meses de 2021 ante igual período imediatamente anterior e fechou o ano passado em alta de 4,6%, depois do tombo de 4,1% em 2020. Segundo dados divulgados na sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia nacional atingiu, em valores correntes, a marca de R\$ 8,7 trilhões.

O desempenho do ano passa-do foi puxado pelas altas de 4,5% na indústria e 4,7% nos serviços. A agropecuária, devido à baixa produtividade de cana-de-açúcar, milho, café e pecuária, apresentou ligeira queda de 0,2%.

Os dados foram construídos sobre base de comparação deteriorada pelos efeitos da pandemia, em 2020, sobretudo nos segmen-tos industriais e de serviços, alertam especialistas. Por essa razão, o economista-chefe da CDL-Porto Alegre, Oscar Frank, explica que é preciso cautela nas avaliações.

Isso ocorre porque, mesmo com percentual expressivo, quando são analisados os últimos nove meses (do segundo ao quarto trimestre do ano passado), o avanço é de apenas 0,1%. Conforme Frank, o fato sinaliza que o país enfrenta dificuldades para sustentar crescimento sólido posterior ao período mais crítico da covid-19.

Economista-chefe da Federação da Agricultura do RS, Antônio da Luz, lembra que "vínhamos de dois semestres consecutivos de queda e, agora, o Brasil saiu da zo-na de recessão o que é positivo":

 Não significa que a economia esteja bombando. É, sim, um passo importante, mas não nos credencia a avaliações menos pessimistas para este ano. Ao considerar janela mais abran-

gente, o PIB nacional está 2,8% abaixo do patamar verificado entre janeiro e março de 2014, o pico da série histórica. A constatação aponta, segundo Frank, para quase oito anos em estagnação.

#### **Empobrecimento**

A economista-chefe da Fecomércio-RS, Patrícia Palermo, co-menta que, na comparação entre o quarto trimestre de 2019, ano ante-rior à pandemia, e os últimos três meses de 2021, a alta é de somen-te 0,5%. Significa, diz ela, que em dois anos o avanço foi quase nulo, o que gera consequências para o PIB per capita (renda nacional dividida pelo número de habitantes), que, após cair 4,6% em 2020, agora, sobe apenas 3,9% e afeta em cheio o poder de compra das famílias. – O ano passado existiu para pa-garmos a conta da pandemia. Le-

vamos dois anos para avançar 0,5% sobre o último trimestre de 2019. O PIB demonstra que conseguimos pagá-la, mas, por outro lado, o PIB per capita confirma que, co-mo sociedade, saímos muito mais pobres desse processo – avalia.

Conforme o economista-chefe da Federação das Indústrias (Fiergs), André Nunes de Nunes, em razão do contexto, as taxas elevadas na comparação anual já eram esperadas

 No agregado, temos cresci-mento forte, mas a desaceleração preocupa. A indústria avança 4,5% no ano, recupera perdas de 3,4% em 2020, mas encerramos o perío-do 12,3% abaixo do pico registrado em 2013, o que significa que o setor anda de lado há muito tempo e es-

se é um parâmetro relevante – diz. O destaque positivo fica por conta da construção, que registrou alta de 9,7% no ano passado, acompanhada de 13,5% de incremento na taxa de ocupação. Trata-se de um desempenho associado a geração de novos postos de trabalho.

Outro aspecto é o investimen-to, que fechou o ano com alta de 17,2%. Conforme o economista, essa expansão se deve aos aportes na construção e na indústria de máquinas e equipamentos.

 É crucial para a percepção de longo prazo. Esse foi o maior patamar desde 2015 e é um indicador que baliza o crescimento para o futuro – pontua Nunes.







### POR SETORES NO PRIMEIRO TRIMESTRE



## Para 2022, desafios e risco de estagnação

des do setor produtivo gaúcho traçaram os desafios para 2022 e, de acordo com as avaliações, não serão poucos. A principal constatação é que aspectos ligados a renda e a estagnação de setores, como a indústria, prejudicam a retomada. Somam-se a isso as pressões internas e externas associadas à inflação e ao crescimento mundial, já existentes no fechamento de 2021 e, agora, potencializadas pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Desorganização das cadeias produtivas e de fornecedores de insumos e matérias-primas importadas são alguns dos itens que pressio-nam os custos, colocam freio nas

atividades e comprometem as projeções futuras, exemplifica o economista-chefe da Federação das Indústrias do RS (Fiergs), André Nunes de Nunes.

 A expectativa de crescimento é mais baixa em razão da falta de estímulos fiscais e de uma política contracionista com previsão de novos aumentos de juros para segurar a inflação - resume.

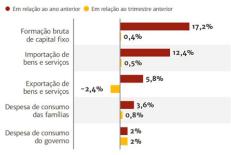
Segundo o economista-chefe da Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre, Oscar Frank, fatores como inflação alta, crise hídrica, expectativa de juros em escalada no Exterior e incertezas com as eleições nacionais juntam-se aos cenários e limitam as expectativas.

ração do Comércio de Bens e de Serviços (Fecomércio-RS), Patrícia Palermo, percebe uma janela de crescimento para 2022.

O otimismo, diz ela, está cen-trado nos serviços, em razão da continuidade da normalização da vida cotidiana, provocada pelas melhorias sanitárias

Em contrapartida, ressalva que dificuldades de acesso ao crédito e redução da renda das famílias podem jogar contra as estimativas. Da mesma forma, avalia que o agronegócio tem enfrentado reiterados problemas climáticos e já não pode arcar com o peso de "carregar o

#### Pelo lado da demanda



Obs.: os gráficos não guardam proporção entre si. Fonte: IBGE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Economia Pagina: 8